

# Resenha de 24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono, de Jonathan Crary

*Review on 24/7: Late capitalism and  
the ends of sleep, by Jonathan Crary*

**Dímitre Sampaio Moita, Cássio Adriano Braz de Aquino**

## Resumo

O livro *24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono*, de autoria do ensaísta, crítico de arte e professor Jonathan Crary, reflete, a partir de referências plurais, sobre o sono como última barreira natural à total realização de uma sociedade de valorização ininterrupta, constituída sobre uma temporalidade alinhada às coisas inertes, inanimadas ou mesmo atemporais. O texto de caráter ensaístico de Crary explora o termo ‘fins do sono’ em dois sentidos: o do final, do encerramento da necessidade do sono, objetivo perseguido no capitalismo tardio; e o da finalidade, ao discutir o sono para além de suas funções fisiológicas, como um momento de gestação dos sonhos, e que inspira a retomada de seu caráter visionário. O autor aposta no sono como um meio para se voltar a imaginar um mundo comum cujo destino não seja a barbárie nem a aniquilação do humano e do planeta.

## Palavras-clave

Capitalismo tardio, sono, temporalidade.

## Abstract

*The book 24/7: Late capitalism and the ends of sleep, authored by the essayist, art critic and professor Jonathan Crary, reflects, from plural references, on sleep as the last natural barrier to the total realization of a society of incessant valorization, built on a temporality aligned with inert, inanimate or even timeless things. Crary's essay text explores the term 'ends of sleep' in two senses: that of the end, of ending the need for sleep, an objective pursued in late capitalism; and that of purpose, when discussing sleep beyond its physiological functions, as a moment of gestation of dreams, and which inspires the resumption of its visionary character. The author bets on sleep as a means to return to imagining a common world whose destiny is neither the barbarism nor the annihilation of humanity and the planet.*

## Keywords

*Late capitalism, sleep, temporality.*

**Dímitre Sampaio  
Moita**

**Universidade Federal do  
Ceará**

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Psicólogo e mestre em Psicologia pela UFC.

[dimitremoita@gmail.com](mailto:dimitremoita@gmail.com)

**Cássio Adriano Braz  
de Aquino**

**Universidade Federal do  
Ceará**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Psicologia pela Universidad Complutense de Madrid.

[brazdeaquino@gmail.com](mailto:brazdeaquino@gmail.com)

Tendo a reestruturação produtiva como marco mais recente das transformações do mundo laboral, a temporalidade laboral ganha relevo como elemento privilegiado para o reconhecimento dos limites e potencialidades que evidenciam as implicações dessas mudanças na sociedade.

Diante da ruptura dos referentes processuais que marcaram a trajetória de uma modernidade pautada em ritmos industriais para uma aceleração da temporalidade (ROSA, 2003), exacerbados no contexto das crises econômica, social, ambiental e a mais recente de todas, sanitária, deter o olhar sobre a obra de Crary é instrumentalizar a reflexão que situa o tempo cronológico como uma categoria a ser controlada e subjugada pelos interesses do capital.

O conteúdo da obra permite uma análise mais detida sobre os efeitos que a dimensão do tempo exerce como elemento de regulação e significado do trabalho e sua articulação com a tecnologia, as relações sociais e a esfera política.

Em 24/7 Jonathan Crary, ensaísta, crítico de arte e professor de Arte e Teoria Modernas na Universidade de Columbia, Nova Iorque, discute os truísmos do capitalismo avançado e sua busca por ultrapassar os limites da fisiologia e do tempo humanos. 24/7, que significa “vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana”, slogan comumente utilizado por instituições e corporações para indicar a prestação ininterrupta de garantias, produtos e serviços, é o mote tomado pelo autor para refletir sobre a configuração de identidades pessoais e sociais a partir de um tempo alinhado às coisas inertes, inanimadas ou mesmo atemporais.

A tese central da obra é de que o sono resiste como última barreira natural à total realização de uma sociedade 24/7. Por sua profunda passividade, o sono afasta os sujeitos tanto da ação produtiva quanto da circulação e do consumo, donde parte a afirmação de Crary de que o sono é inútil para o capitalismo, já que dele não se pode extrair valor algum. Contudo, nas últimas décadas, observa-se tentativas de superar esta barreira fisiológica.

No primeiro capítulo, o autor descreve estudos como o financiado pelo Departamento de Defesa estadunidense com o pardal da coroa branca – animal que em sua migração é capaz de passar até sete noites sem dormir –, com a finalidade de criar o soldado sem sono, apto a participar de missões que exijam grandes períodos de vigília. São buscadas substâncias ou métodos que permitam não estimular a vigília, mas suprimir a necessidade de sono. A partir dessa exposição, Crary apresenta um dos pontos que sustentam sua tese, a ideia de que “inovações relacionadas à guerra são inevitavelmente assimiladas na esfera social mais ampla” (2016, p. 13), o que poderia sinalizar o surgimento, no futuro, do trabalhador ou do consumidor sem sono.

No presente, experimentamos uma temporalidade separada do relógio ou de quaisquer outros referenciais, que solicita uma duração ilimitada, sem descanso e adversa aos ritmos e ciclos da vida humana. No mundo 24/7, os diversos âmbitos da vida social são assimilados pelo capitalismo, em um processo de comodificação que parece não conhecer fronteiras, ainda assim, o sono permanece como um elemento fundamental de nossa existência que resiste à modernização e ao capital. Esta última barreira ao pleno êxito do funcionamento 24/7 não pode, pelo menos presentemente, ser eliminada, sendo, então, ameaçada e atacada cotidianamente. Crary associa notavelmente a reflexão sobre o sono no capitalismo 24/7 ao conjunto de transformações por que passam as garantias sociais. “O dano ao sono é inseparável do atual desmantelamento da proteção social em outras esferas” (2016, p. 27), como acontece a bens comuns como a água, a escassez do sono é artificialmente produzida.

A análise do sono é empreendida em suas distinções entre público e privado, entre individual e coletivo e, apesar das imagens de luminosidade perene evocadas pelo autor, a aposta é de que o sono é um refúgio útil à manutenção da própria sociedade, já que “o sono – estado mais privado e vulnerável de todos – depende crucialmente da sociedade para se sustentar” (Crary, 2016, p. 34).

Crary (2016, p. 39) inicia o segundo tópico com a seguinte colocação:

O 24/7 anuncia um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de operações incessantes e automáticas. Inscreve-se num momento em que a vida comum se transformou em objeto da técnica.

É a partir da ideia de uma decadência da capacidade de observar que o autor reflete sobre a alucinação da presença e o automatismo letárgico e infundável das operações. O observar é empobrecido em sua competência de associar estímulos visuais a avaliações sociais e éticas, dada a luminosidade monótona e ininterrupta a que somos submetidos. A experiência do observador é homogeneizada, acelerada e tornada redundante, não apenas por um conjunto de transformações vinculadas às tecnologias da informação e da comunicação, mas por uma reconfiguração baseada em novos “ritmos, velocidades e formas de consumo acelerado e intensificado” (Crary, 2016, p. 48).

A vertiginosa sucessão de produtos tecnológicos não é tão relevante quanto sua implicação sobre a temporalidade e a reflexão ou contemplação, que Crary descreve como um encarceramento implacável do tempo e da experiência. Para ele o dado fundamental não está na inovação contínua apresentada pelo capital, mas na prevalência das mesmas formas de poder e controle que vigoram desde meados do século XIX. Apesar disso, o autor reconhece, a partir da década de 1990, uma ruptura da modernização, em que o consumo incessante de bens tecnológicos possui impactos ontológicos relevantes. Por mais que permaneçam atreladas à competição no mercado e à ampliação das margens de lucro, as inovações tecnológicas, agora, têm papel decisivo na autorregulação dos sujeitos e na intensificação do controle sobre eles. O ato de observar é capturado por um mercado que o transforma em informação, e, por fim, em mais-valia, num processo sistemático de colonização da experiência individual.

Crary encerra o segundo capítulo apontando a consequência nefasta que o controle social assume no universo 24/7: nós nos tornamos os habitantes inofensivos e maleáveis de sociedades urbanas globais ... somos o sujeito obediente que se submete a todas as formas de invasão biométrica e de vigilância (Crary, 2016, p. 68).

No apartado seguinte, o autor volta sua preocupação à influência do capitalismo nascente sobre a experiência do tempo e do espaço e sobre o cotidiano. A partir da apreciação da tela *Os moinhos de algodão de Arkwright à noite* (1782), de Wright of Derby, Crary aponta, já no século XVIII, o esmaecimento da distinção entre dia e noite, e a instauração de uma relação peculiar entre tempo e produção, liberta das condições naturais graças à iluminação artificial. Esta liberação indica o prenúncio do funcionamento 24/7, já apontado por Marx, quando se refere à disposição de anulação do espaço pelo tempo no capitalismo.

Todavia, a realização de um capitalismo globalizado com tendências de homogeneização do tempo e capaz de aplainar todo o globo sob os parâmetros da modernização ocidental, só se dará a partir da década de 1990, em que Crary reconhece haver a última invasão da vida cotidiana, “o repositório no qual são realocados os rudimentos persistentes da experiência pré-moderna, incluindo o sono” (2016, p. 78). O

desenvolvimento do neoliberalismo, a facilitação do acesso ao computador pessoal e a precarização da seguridade social são fatores ligados à redefinição dos sujeitos contemporâneos como agentes econômicos em tempo integral.

O domínio do cotidiano é invadido por solicitações do capital até o ponto de criar-se uma “economia da atenção”, fundamentada na disputa pelas horas de vigília dos sujeitos com identidade digital (a maioria da população mundial), não somente com o objetivo de vender produtos e serviços, mas também de prender a atenção e engajar, extrair informações e modificar comportamentos.

Crary encerra o terceiro capítulo discutindo o papel da televisão como ferramenta de transformação da sociedade 24/7, dada a maneira súbita e ubíqua com que reorganiza a temporalidade e a atividade humanas. A partir da 2ª Guerra Mundial, a televisão se torna o sistema de produção e distribuição de informação que conhecemos (até o fim de sua era, que o autor atribui à década de 1980), e seu ingresso nos lares produz uma imobilidade continuada; populações inteiras, que anteriormente utilizavam seu tempo liberado do trabalho segundo uma miríade de possibilidades, assumem a condição estática de espectadores e têm sua capacidade de reação sensorial estreitada. A televisão é precursora de uma diversidade de dispositivos que dispomos hoje, cujas telas cobram atenção difusa e resposta mecânicas semiautomáticas, que para o autor “são parte de estratégias mais amplas de poder, nas quais o objetivo não é o engano em massa, mas estados de neutralização e inatividade, nos quais somos destituídos do tempo” (2016, p. 97).

O quarto capítulo nos parece um esforço de Crary em refletir possíveis saídas da homogeneização e da visibilidade constante que nos impõe o tempo 24/7. No início, a partir da apreciação do foto-romance *La Jetée* (1962), de Chris Marker, o autor questiona: “como permanecer humano diante de um mundo desolador”? (2016, p. 101). A pergunta diz respeito ao tempo em que *La Jetée* foi produzido, mas serve de mote para refletir quais resistências ou enfrentamentos são possíveis no presente.

Uma das apostas do autor é o mundo onírico, que, apesar das investidas de reificação que sofre da parte de produtos da cultura de massa, especialmente de filmes onde o sonho é retratado como um software ou um conteúdo acessível de maneira plenamente instrumental, deve ser retomado em seu caráter visionário e em sua importância social. Recentemente, a exacerbação de um modo de vida monádico suprimiu o sonho de “eliminação do mundo capitalista” baseado em existências cooperativas, comunitárias ou mesmo em um “socialismo de auxílio mútuo”, que inspirou as mudanças da socialdemocracia europeia. Para Crary, resta um sonho, o de um mundo comum cujo destino não seja a barbárie nem a aniquilação do humano e do planeta. Ele encerra o livro apostando no sono, como veículo dos sonhos, para imaginar um futuro sem capitalismo.

O texto de Crary, ao aproximar-se do estilo ensaístico, tende a ser criticado pelo seu tratamento quase ficcional. Isso, no entanto, não minimiza o reconhecimento da presença de referências plurais, que vão da filosofia à arte, numa fluência que reforçam, a partir da experiência do cotidiano, subsídios a uma crítica política do uso desmedido da técnica e da tendência a subjugar a capacidade humana de pensar uma realidade distinta a que se apresenta e sobre a qual parece não haver reação possível.

Quando nos centramos na reflexão sobre a temporalidade, mobilizadora de nossa leitura sobre o texto, reconhecemos o alerta do autor ao que pode ser a elisão de fronteiras entre tempo privado e profissional, entre tempo de trabalho e não trabalho, entre entretenimento e formação, dentre tantos outros binômios mediados pelo tempo. Desse modo, numa síntese metafórica, é possível conceber o sono a partir de uma resistência – que sai

da dimensão do ato natural para constituir-se num potencial ato político – à naturalização desse controle e domínio do capital sobre o próprio trabalho.

## Sobre o artigo

Recebido: 27/01/2021

Aceito: 07/03/2021

## Referências bibliográficas

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 144 p.

ROSA, H. Social Acceleration: Ethical and Political Consequences of a Desynchronized High-Speed Society. **Constellations**, v. 10, n. 1, p. 3-33, 2003.